



A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

The presence of Physical Education in pedagogical practice with babies in early childhood education

Laura Helmer TRINDADE

Programa de Pós-graduação em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Brasil
laura.trindade@edu.ufes.br
<https://orcid.org/0000-0003-0802-9353> 

Alexandre Freitas MARCHIORI

Departamento de Educação a Distância
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Roraima
Boa Vista, Brasil
alexandremarchiori@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-5919-5696> 

André da Silva MELLO

Centro de Educação Física e Desportos
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória, Brasil
andremeliovix@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3093-4149> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este trabalho analisa os desafios e as possibilidades para a mediação pedagógica da Educação Física com bebês no contexto da Educação Infantil, reconhecendo e valorizando as suas práticas autorais e produções culturais. Trata-se de um estudo etnográfico, realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória/ES, com uma turma de 21 bebês. Recorreu-se à observação participante, com a utilização de diário de campo e de registros fotográficos. Os resultados sinalizam que os bebês realizam um consumo produtivo dos produtos culturais que lhes são ofertados. As relações proxêmicas denotaram formas particulares de se relacionarem com o seu contexto sociointeracional, demonstrando que eles são sujeitos ativos em seus processos de desenvolvimento e de socialização. Portanto, cabe à Educação Física promover vivências com as manifestações das práticas corporais que potencializem as possibilidades de os bebês agirem sobre si e sobre o seu contexto físico e social, valorizando-os como produtores de cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Educação Infantil. Prática pedagógica. Bebês.

ABSTRACT

This paper analyzes the challenges and possibilities for pedagogical mediation of Physical Education with babies in the context of Early Childhood Education. This is an ethnographic study, carried out in a Municipal Early Childhood Education Center in Vitória/ES, with a class of 21 babies (six months to one year old). Participant observation was used, with the use of a field diary and photographic records. The results indicate that babies are cultural subjects based on what is offered to them, with authorial practices driven by their desires and needs. Proxemic relationships showed that they are active subjects in their development and socialization processes. Therefore, the interaction of different professionals who work in Early Childhood Education, with emphasis on Physical Education, promotes experiences with manifestations of body culture that enhance the possibilities for babies to act on themselves and on their physical and social context, valuing them as producers of culture.

KEYWORDS: Physical education. Early Childhood Education. Pedagogical practice. Babies.

INTRODUÇÃO

A inserção da Educação Física na Educação Infantil vem se expandindo em todo o Brasil e os seus profissionais estão cada vez mais presentes nessa etapa da Educação Básica (Martins, 2018; Scottá, 2023). Entretanto, alguns desafios se apresentam para a consolidação dessa área do conhecimento no contexto da Educação Infantil, estando circunscritos majoritariamente em duas dimensões: a) superar uma concepção de infância que enxerga as crianças como sujeitos universais, cujo desenvolvimento está atrelado apenas às leis maturacionais; e b) considerar a dinâmica curricular específica dessa etapa da Educação Básica, que não se organiza de maneira disciplinar.

Em relação à concepção de infância, no cenário brasileiro a Educação Física tem operado historicamente com uma perspectiva desenvolvimentista (Martins, 2018; Martins; Trindade; Mello, 2021), que considera a criança como sujeito universal, com etapas fixas de desenvolvimento, determinadas pela maturação biológica do organismo, desconsiderando-a como sujeito sócio-histórico, capaz de pensar e de agir sobre si em seus processos de desenvolvimento e de socialização. O outro desafio está associado a uma perspectiva pedagógica que é compatível com a organização curricular da Educação Infantil, em que a Educação Física dialoga com outras áreas do conhecimento, linguagens, campos de experiências e sujeitos, abordando as manifestações das práticas corporais¹ para além da dimensão física (Mello *et al.*, 2020).

Esses desafios se amplificam quando as práticas pedagógicas da Educação Física são direcionadas às crianças na faixa etária de zero a três anos de idade, período em que elas estão em processo de internalização da linguagem verbal. Nessa fase, predominam práticas centradas em estímulos psicomotores, atreladas à idade cronológica dos bebês, desconsiderando-os como sujeitos de direitos que, por meio de suas ações e relações de proximidade, afirmam os seus interesses e necessidades (Gonçalves; Buss-Simão; Debus, 2020). Além disso, em muitos casos no âmbito nacional, a presença do professor de Educação Física nas turmas de bebês se configura apenas como um momento de entretenimento, sem uma intenção pedagógica

¹ "As práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, no plano corporal, constituindo-se em manifestações culturais de caráter lúdico, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Estes fenômenos culturais se expressam fortemente no âmbito corporal e, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal [...]" (Silva; Lazzarotti Filho; Antunes, 2014, p. 526).

deliberada, para que o professor da sala de atividades da turma possa realizar o seu planejamento (Côco; Mello, 2023).

Buscando contrapor essa perspectiva, pretendemos discutir as práticas pedagógicas da Educação Física com os bebês na Educação Infantil, considerando-os como sujeitos do próprio desenvolvimento. Para isso, é preciso dar visibilidade ao “[...] que se tornou invisível por excesso de visibilidade” (Pires, 2012, p. 51), ou seja, é necessário desnaturalizar o olhar adultocêntrico, que enxerga os bebês apenas pelas suas imperfeições, e descobrir a potência que há em suas práticas, que revelam formas singulares de agir e de se relacionar em seus contextos de inserção social. Nesse sentido, o artigo tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades para a mediação pedagógica da Educação Física com bebês no contexto da Educação Infantil, reconhecendo e valorizando as suas práticas autorais e produções culturais.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

O presente estudo é uma pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa, realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Vitória/ES. Para Delgado e Müller (2008, p. 144), a pesquisa etnográfica com crianças permite uma apreensão dos significados de um grupo e, por se tratar de crianças, “[...] isso nos convida a trabalhar com uma ciência irregular, plural e, tal como explica Geertz (2001, p. 10), ‘qualquer proposta de uma teoria geral a respeito de qualquer coisa social soa cada vez mais vazia’”.

O estudo em foco foi desenvolvido entre maio e novembro de 2024, perfazendo sete meses de imersão no campo, com duas inserções semanais, totalizando sete horas por semana. Os participantes da pesquisa são 21 bebês (na faixa etária de seis meses a um ano de idade), duas professoras (uma de Educação Física e uma Professora Articuladora) e duas Assistentes de Educação Infantil². O professor Articulador, na estrutura da Educação Infantil de Vitória/ES, é formado em Pedagogia, com ênfase em musicalização, e acompanha os dinamizadores de Educação Física e de Artes em suas mediações pedagógicas com os bebês. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê

² A composição das equipes docentes e de profissionais atuantes na Educação Infantil da rede Municipal de Vitória/ES responsáveis por uma turma de bebês (Grupos 1 e 2) conta com dois professores com formação em pedagogia, duas assistentes de Educação infantil, dois professores especialistas (Formação em Artes, Educação Física ou um professor articulador com formação em pedagogia). A permanência na regência de sala durante o turno é influenciada pelos períodos de planejamento dos professores que atuam na turma.

de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo (Parecer n.º 6.768.890).

Os dados foram produzidos por meio da observação participante e sistematizados em diário de campo e em registros fotográficos. A inserção no campo ocorreu por meio da entrada reativa (Corsaro, 2011), em que a professora-pesquisadora, ao adentrar em seu ambiente de pesquisa, comportou-se de maneira menos expansiva e invasiva, esperando que os bebês reagissem à sua presença, a fim de construir um espaço acolhedor, centrado no respeito e na confiança com os sujeitos da pesquisa.

Para a interpretação dos dados provenientes da pesquisa etnográfica, foram mobilizados os episódios de interação (Pedrosa; Carvalho, 2005), com foco em situações prototípicas e que são significativas em relação ao nosso objeto de estudo. Esse tipo de análise qualitativa não parte de categorias predefinidas, mas valoriza as interações das crianças com os adultos e entre pares. Focalizamos os episódios que retratam as relações proxêmicas estabelecidas entre os sujeitos e os espaços; e as práticas autorais e singulares dos bebês no cotidiano da Educação Infantil. A seleção das imagens e dos registros do diário de campo foi realizada de acordo com os objetivos da pesquisa. De acordo com Loisos (2008), a imagem oferece um registro poderoso das ações concretas e nas pesquisas sociais pode ser empregada como um dado primário, ou seja, uma informação visual.

Esses episódios de interação foram colocados em diálogo com os pressupostos da Teoria das Relações Proxêmicas (Hall, 2005), da Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Sarmento, 2013) e dos Estudos com o Cotidiano (Certeau, 2014), a fim de dar visibilidade às produções culturais dos bebês e das professoras nas experiências pedagógicas vivenciadas.

UM OUTRO OLHAR SOBRE OS BEBÊS

Historicamente incide sobre as crianças, especialmente sobre os bebês, uma visão que as mantêm em situação de subalternidade e de invisibilidade social. Nessa visão, os bebês são considerados apenas como entes biológicos, que precisam ser preenchidos pelos adultos para saírem da condição sociológica de anomia (Sarmento, 2013). A fim de dar visibilidade às agências³ dos bebês, mobilizamos alguns campos do

³ Conceber a criança como ator social, agente de si, que reinterpreta e produz cultura e não como um ser passivo, que reproduz a cultura mediada pelos adultos.

conhecimento que têm contribuído com os Estudos das Infâncias, como a Sociologia da Infância (Corsaro, 2011; Marchi, 2009; Sarmento, 2013), os Estudos com o Cotidiano (Certeau, 2014) e a Teoria das Relações Proxêmicas (Hall, 2005).

Por meio da Sociologia da Infância, buscamos superar a ótica adultocêntrica que prevalece sobre os bebês, ao focalizá-los não apenas por suas ausências e incompletudes, mas também pelas suas formas particulares de se relacionar com o mundo (Corsaro, 2011; Sarmento, 2013). Ao interagirmos com os bebês de zero a um ano e seis meses de idade, sabemos que eles ainda não possuem a linguagem verbal articulada, expressando os seus desejos e as suas necessidades majoritariamente pela linguagem corporal.

Portanto, ao dialogarmos com os pressupostos da Sociologia da Infância, pretendemos compreender os bebês por meio de suas práticas, de suas formas particulares de interagir com as pessoas e com o seu meio, pois eles respondem e agem de acordo com o seu entorno como sujeitos ativos e possuem iniciativa, explorando o seu próprio corpo. Conforme Fochi (2018, p. 9), “[...] os bebês sentem, gostam, não gostam e interpelam a cultura. Os bebês também são portadores do inédito, como muitos autores já destacaram e, por isso, carregam a novidade”.

Na intenção de reconhecer e de dar visibilidade às produções culturais dos bebês, apoiamo-nos no conceito de *cultura de pares*, proposto por Corsaro (2009), para compreender a interação que esses sujeitos estabelecem entre si. Segundo esse autor, *cultura de pares* “[...] é um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares” (Corsaro, 2009, p. 32). Também nos apoiamos na ideia de *reprodução interpretativa* (Corsaro, 2009), para evidenciar as agências e a capacidade inventiva dos bebês, que se apropriam de forma autoral dos artefatos culturais que lhes são ofertados, a fim de atender aos seus desejos e às suas expectativas. Para o autor, a expressão “[...] *reprodução* significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuemativamente para a produção e mudança cultural” (Corsaro, 2009, p. 31, grifo nosso). Nessa perspectiva, cabe ao professor-pesquisador estabelecer uma escuta sensível e um olhar atento para as diferentes formas de expressão dos bebês, que se materializam por meio de variadas linguagens.

Muitos adultos consideram inconcebível enxergar os bebês como produtores de cultura, pois ainda não os veem como verdadeiros entes sociais. Contudo, ao escovarmos a *contrapelo*, como sugere Walter Benjamin (1996), é possível perceber que os bebês não recebem passivamente os bens culturais mediados pelos adultos, pois

constantemente imprimem neles as suas marcas autorais. Mello, Barbosa e Martins (2023) entendem que os bebês se apropriam e ressignificam determinados artefatos culturais, como por exemplo quando eles brincam com os móveis de outra maneira, inventando outras formas de subir o escorregador, engatinhando, escorregando de peito e descendo do brinquedo pela escada, segurando na mão do professor.

Na intenção de retirar os bebês da condição de anomia social, para que eles sejam reconhecidos pelas suas alteridades em relação aos adultos e às crianças mais velhas, como atores sociais, nesta pesquisa evidenciaremos as suas produções culturais no cotidiano da Educação Infantil. Para isso, dialogamos com os Estudos com o Cotidiano, na perspectiva da História Cultural de Michel de Certeau (2014), que nos auxilia a compreender os bebês em um de seus contextos de inserção e de interação social: a Educação Infantil. Ao considerarmos os bebês como sujeitos de direitos, como capazes de agir sobre si em seus mundos de vida e como atores em seus processos de socialização, direcionaremos o nosso olhar para as suas práticas cotidianas.

Nessa direção, a enunciação (Certeau, 2014), que é a fala em ato, ou seja, a fala como prática social, que emerge no contexto sociointeracional dos bebês, por meio de suas múltiplas linguagens, em especial via linguagem corporal, denota formas particulares de expressão e de comunicação desses atores sociais. As enunciações só podem ser compreendidas a partir de seu contexto de produção e ao considerar as enunciações infantis como princípio ético nas práticas pedagógicas com as crianças. A esse respeito, as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Vitória (Vitória, 2020, p. 57) preconizam que “[...] as enunciações infantis consistem em um modo particular no qual as crianças expressam, por meio das diferentes linguagens, suas produções de sentido da vida”.

Para Certeau (2014, p. 13), “[...] é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática”. Segundo o autor, a cultura só tem sentido nos seus usos. Desse modo, os estudos com os cotidianos convidam a olhar para esses sujeitos e a acolher as suas ações intencionais, sem desconsiderar as suas singularidades e também a sua dependência em relação aos adultos que os apoiam na chegada ao mundo. As rotinas da Educação Infantil são oportunidades para a apropriação ativa da cultura, direito reconhecido na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Os bebês, como praticantes do cotidiano, estabelecem interações de proximidade ou de distanciamento com os outros e com os objetos presentes no meio em que se

encontram. Essas interações são denominadas por Hall (2005, p. 1) de *relações proxêmicas*: “[...] inter-relação entre observações e teorias do uso que o homem faz do espaço como uma elaboração especializada da cultura”. Esse conceito nos ajuda a compreender os interesses, os desejos, as curiosidades, os medos, os afetos, entre outros aspectos dos bebês em relação ao ambiente sociocultural do qual fazem parte. As *relações proxêmicas* também se configuram como um aparelho sensorial, em que estados emocionais são diferentes a depender do momento, dos relacionamentos, do contexto e do ambiente (Hall, 2005).

Mesmo na tenra idade, os bebês também são sujeitos de direitos, capazes de agir e de ter autonomia a partir do que é possível para eles no momento, sendo necessário compreender essa autonomia nessa fase do desenvolvimento. Para isso, é necessário, como abordam as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Vitória (Vitória, 2020, p. 130), “[...] organizar espaços tempos que garantam o desenvolvimento da autonomia, respeitando o ritmo da criança, processos de adaptação, retorno de férias e recessos escolares e/ou afastamentos, entre outros motivos”. No caso dos bebês, a transição entre a família e a instituição de Educação Infantil é um processo que demanda especial atenção pedagógica e afetiva, para que ocorra um acolhimento progressivo tanto das famílias quanto dos bebês, em atenção ao bem-estar integral desses sujeitos de pouca idade.

Pimentel e Mello (2023), ancorados nos pressupostos de Hall (2005) sobre *proxemias*, destacam quatro tipos de distâncias que configuram formas de *relações proxêmicas*. São elas: íntima (contato corporal com a pessoa de afeto, que fornece segurança), pessoal (há interação com proximidade, sem toque), social (interação mais formal, mas que permita ler a fisionomia do outro) e pública (acima de 3,5 metros, na qual se pode observar aspectos mais gerais, mas não os detalhes do corpo do interlocutor).

As crianças e os professores, nos cotidianos da Educação Infantil, podem estabelecer todos esses tipos de distância, dependendo do momento, dos espaços, dos sujeitos, de suas intenções e das necessidades de cuidado. Há também a possibilidade de constituir mais de um tipo de relação com pessoas diferentes ao mesmo tempo, como a criança estabelecer uma distância íntima com o docente e pessoal com alguma outra criança.

Para estabelecer qualquer tipo de *relação proxêmica* com a criança, seja ela íntima, pessoal, social ou pública, é necessário que o professor seja receptivo e respeite o tempo dela para estabelecer aproximações. Corsaro (2011), por meio do conceito de

entrada reativa, pressupõe que o adulto, ao adentrar o cotidiano das crianças, seja menos invasivo e impositivo, ficando à espera de que a criança reaja à sua presença para estabelecer o primeiro contato, proporcionando assim um espaço seguro e de confiança. Ao estabelecer a *entrada reativa* (Corsaro, 2011) e ao construir *relações proxêmicas* (Hall, 2005), podemos observar que as microexpressões faciais (Viana, 2014), junto com as múltiplas linguagens (verbal e não verbal), são fortes indicativos para compreender como as crianças se sentem e significam as experiências culturais que vão construindo.

As *relações proxêmicas* nos auxiliam a perceber, no contexto da Educação Infantil, como os bebês interagem uns com os outros, com os adultos e com os diferentes espaços dos CMEI, além de ampliar a compreensão de como ocorrem essas relações, em quais circunstâncias elas se estabelecem e onde são mais frequentes. Os ambientes impactam diretamente nas *relações proxêmicas* dos bebês. Nos diferentes espaços das instituições de educação infantil, os bebês são provocados a estabelecer um tipo de relação com uma determinada pessoa, de acordo com o que eles necessitam ou desejam naquele momento. Segundo Hall (2005, p. 77), “[...] o ser humano possui aspectos visuais, cinestésicos, táteis e térmicos de seu eu cujo desenvolvimento pode ser inibido ou estimulado pelo ambiente”.

Outro aspecto importante que auxiliará as nossas reflexões é a relação que os professores estabelecem com os bebês durante as mediações pedagógicas e as atividades relacionadas ao cuidar. Ao promoverem *relações proxêmicas* com os bebês, os professores se dispõem corporalmente para atender aos interesses desses sujeitos, caracterizando o que Sabbag (2017) denominou de *demandas corporais*. Essas questões estão circunscritas às relações de proximidade estabelecidas com os adultos, pois os bebês são dependentes dos professores para terem as suas necessidades atendidas.

Nessas mediações, os professores precisam, por se tratar de crianças que possuem baixa ação socializada, realizar atendimentos individualizados, a fim de contemplar as necessidades desses sujeitos. Para tanto, os bebês buscam constantemente estabelecer relações de proximidade com os docentes e com os outros bebês, mesmo que o professor esteja auxiliando outras crianças nesse momento. Isso faz com que os professores concedam atenção a vários bebês de forma simultânea (Buss-Simão; Silva, 2023).

Geralmente, o trabalho com os bebês exige uma maior predisposição corporal para atender às demandas das crianças de seis meses a um ano de idade, pois às vezes

elas necessitam de colo, de atendimento mais próximo ao chão, de serem conduzidas (transportadas) para outros ambientes, entre outras atividades cotidianas. Exercer a docência com bebês demanda a convergência do cuidar e do educar, reconhecendo a sua indissociabilidade.

O conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos mobilizados neste tópico nos auxiliará a compreender as especificidades relacionadas ao trabalho pedagógico com os bebês no contexto da Educação Infantil, considerando esses sujeitos como atores sociais ativos em seus processos de socialização e de desenvolvimento. Cabe a nós professores criar condições favoráveis para que os bebês construam, na interação com outras crianças e com os adultos, em seu ambiente sociointeracional de inserção, as suas próprias experiências e significações com o mundo, pois “[...] para cada criança que nasce, nasce também um mundo a ser interpretado, nomeado, significado” (Barbosa; Richter; Delgado, 2015, p. 109). Essa afirmação é ratificada por Charlot (2023, p. 17-18) ao nos dizer que, “[...] Para se tornar humano, o recém-nascido *sapiens* tem, por sua vez, que se tornar também um criador de mundo, ou seja, viver, e, portanto, inventar, modos de ser que não lhe foram dados geneticamente”.

O autor entende esse processo como uma aventura humana, viabilizada pela educação, que ao mesmo tempo é uma herança e um caminhar com autoria e protagonismo, ou seja, que se caminhe na sua própria trilha. Não se trata de refazer o mundo a partir do zero ou tampouco de repetir sempre o mesmo, mas de acompanhar “[...] a criança no seu processo de descoberta-devoração-singularização-sonho do mundo humano, aquele que a sua espécie construiu e que cabe a ela decidir o que quer fazer com ele” (Charlot, 2023, p. 19).

A seguir, descreveremos e analisaremos alguns episódios de interação (Pedrosa; Carvalho, 2005) que, em nossa compreensão, evidenciam as alteridades e as práticas autorias dos bebês ao se relacionarem com os seus contextos físicos e sociais, oferecendo indícios para pensarmos uma pedagogia que considere esses atores sociais como agentes de si em seus mundos de vida.

O DIÁLOGO COM O COTIDIANO DOS BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A escolha do CMEI ocorreu a partir da presença do profissional de Educação Física que trabalha com a faixa etária investigada (seis meses a um ano de idade) e devido à proximidade geográfica da residência da pesquisadora ao local. Os sujeitos envolvidos no processo foram a professora de Educação Física, a professora-articuladora, as

Assistentes de Educação Infantil e os bebês que compõem a turma do Grupo 1 do referido CMEI. Os espaços disponíveis para as práticas pedagógicas no primeiro semestre, considerando a especificidade da faixa etária, concentram-se na sala regular (Imagem 1) e em um varandão anexo (Imagem 2), uma área externa com tatames e brinquedos variados.

Imagen 1 – Sala do Grupo 1



Fonte: Os autores.

Imagen 2 – Varandão



Fonte: Os autores.

Geralmente, os bebês demandam um tempo maior de acolhimento e de adequações às rotinas da Educação Infantil. O processo de separação das famílias pode contar com a participação dos responsáveis durante meses, até que se estabeleça a plena confiança de que as crianças conseguem permanecer na instituição durante o turno regular. Pode ocorrer de alguns bebês precisarem sair mais cedo enquanto não conseguem se adaptar à alimentação oferecida pelo CMEI e às práticas de acolhimento. Alguns bebês, por conta do processo de amamentação, têm à disposição um espaço de apoio adequado a essa demanda. O acolhimento é um processo individualizado, realizado coletivamente, e precisa respeitar tanto o tempo da criança quanto das famílias.

A chegada ao campo de pesquisa ocorreu em maio de 2024, período em que os bebês, em sua maioria, já aceitavam o desjejum e apresentavam autonomia na exploração dos espaços em que estavam inseridos (sala e varandão). Contudo, alguns bebês ainda demandavam atenção especial e, muitas vezes, optavam por ficar no colo. Observamos que eles já possuem preferências e escolhem/elegem uma pessoa para estabelecer vínculos afetivos mais próximos, constituindo uma *relação proxêmica* do

tipo íntima, em que há contato corporal com a pessoa que transmite segurança e afeto. Na maior parte do tempo, o trabalho com os bebês é articulado por duas professoras unidocentes⁴, com formação em pedagogia. No momento do planejamento dessas docentes, as professoras de Educação Física e a docente-articuladora entram na sala e assumem o grupo, oportunizando aos bebês o acesso às diferentes linguagens (corporal, sinestésica, artística, oral, musical, visual etc.).

Compreendemos que essas linguagens não são exclusividade da Educação Física, contudo há o desafio da articulação pedagógica entre os docentes na dinâmica curricular da Educação Infantil. Consideramos que as atividades são complementares e contemplam as especificidades dos bebês. Geralmente, uma ação integrada ocorre mediante demanda específica, como o dia da família na escola, a mostra pedagógica ou uma apresentação cultural. No cotidiano, a dinâmica do planejamento intercalado impede que ocorra um momento coletivo com todos que atuam com a turma. Para minimizar esse desencontro ou ausência de um planejamento coletivo, a pedagoga responsável pela turma faz a mediação entre os professores, articulando as propostas e os projetos na busca por convergência das ações desenvolvidas com os bebês.

Na sequência, os dados serão apresentados de forma dinâmica, considerando que as ações são concomitantes. Para efeito de análise, destacaremos os episódios de interação para dialogarmos com as *relações proxémicas*, o protagonismo dos bebês e as suas *demandas corporais*. A primeira cena que apresentamos ocorreu no dia 5 de junho, na qual a professora-articuladora empilhou os cones de plástico, que se encaixam e formam torres. Conforme se observa na *sequência de imagens 1*, da esquerda para a direita, a professora empilha os cones, os bebês derrubam e começam a explorar o material.

⁴ A unidocência se caracteriza quando o professor ou a professora é responsável pelo ensino-aprendizagem de todas as disciplinas para uma mesma turma. No contexto estudado, as regentes trabalham com todos os conteúdos propostos nas Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Vitória (Vitória, 2020).

Sequência de imagens 1 – Atividade com cones de plástico



Fonte: Os autores.

É possível observar que a professora inicia o processo de mediação construindo as torres, sem a presença dos bebês interagindo diretamente. Em seguida, eles entram em cena e, após desfazerem as torres, começam a brincar com o material. A sequência retrata as práticas de apropriação vivenciadas naquela experiência, revelando práticas autorais ao se relacionarem com os materiais disponibilizados.

Analisemos agora o registro do diário de campo: “A professora-articuladora empilhou os cones e o Gabriel logo se aproximou para derrubar a torre que ela havia feito. Em seguida, ela montou novamente e mais crianças se aproximaram, pegando alguns cones que estavam no chão, como o Joaquim. A professora de Educação Física montou para ele uma torre com três cones e em seguida ele desmontou, retirando os dois últimos cones da torre. Na torre de cones que estava montada, eram duas torres com dois cones cada, Joaquim, Gabriel e Guilherme estavam perto interagindo com o material, porém Joaquim foi diretamente na torre e retirou os dois cones de cima ao mesmo tempo e fez questão de mostrar que retirou os cones” (Diário de campo, 05/06/2024).

Ao observarmos a *sequência de imagens 1* e ancorados no relato do diário de campo, os dados sinalizam que os bebês realizam um consumo produtivo (Certeau, 2014) dos produtos culturais que lhes são ofertados, evidenciando práticas autorais movidas por seus desejos e necessidades. Certeau (1985), em *Teoria e método no estudo das práticas cotidianas*, apresenta três dimensões indissociáveis das práticas sociais: a ética, que se refere à necessidade histórica de existir; a polêmica, que diz respeito às relações assimétricas de poder existentes entre distintos grupos sociais; e

a estética, que concerne às artes de fazer, ou seja, à maneira peculiar e autoral que as crianças imprimem às suas práticas.

A partir de um olhar desnaturalizado, entendemos que os bebês, mesmo que ainda muito pequenos e em processo de apropriação da linguagem verbal, não consomem passivamente a cultura mediada pelos adultos, pois os processos de recepção denotam formas particulares de apropriação cultural, caracterizando o que Certeau (2014) denominou de *consumo produtivo*.

Os bebês, como praticantes do cotidiano, apropriam-se e fazem usos singulares da cultura na qual estão inseridos, ressignificando, muitas vezes, aquilo que é atribuído pelos adultos. Portanto, para reconhecer e dar visibilidades às produções dos bebês, faz-se necessário um olhar atento e uma escuta sensível dos professores-pesquisadores para as suas práticas cotidianas, a fim de compreender o consumo produtivo que eles realizam da cultura. A cultura não é algo que se possui, mas aquilo que permanentemente fazemos e refazemos dela (Barbosa, Richter; Delgado, 2015).

A sequência de *imagens 2* representa um dos momentos de interação entre adultos e bebês, revelando a disponibilidade corporal das professoras para que as crianças pudessem vivenciar a experiência corporal no circuito montado com colchonetes, estepes de EVA e um triângulo de espuma próximo ao espelho. No final, a professora pendurou uma bola para motivar a participação dos bebês.

Sequência de *imagens 2* – Atividade com circuito de movimento



Fonte: Os autores.

Na *sequência de imagens 2*, da esquerda para a direita, é possível observar o protagonismo infantil, em que os bebês realizaram de forma autoral a atividade

proposta pela professora de Educação Física. Após a montagem do circuito, a professora-articuladora conduz um bebê ao longo do percurso e outros bebês começam a explorar o material. A cena segue com as duas professoras brincando com os bebês no circuito. Encerra-se com o protagonismo das crianças explorando o material com intencionalidade.

Para que as professoras pudessem conduzir a vivência com os bebês individualmente, as Assistentes de Educação Infantil atendiam às crianças que estavam na sala e observavam o movimento daqueles que estavam próximos. Nota-se que há uma exclusividade em cada passagem pelo circuito, o que demanda uma atenção direcionada para as possibilidades de cada criança, respeitando-se o momento, o interesse e o envolvimento de cada sujeito na atividade. No diário de campo, consta o seguinte: "A professora de Educação Física montou um percurso com estepes e um colchão inclinado. No alto, ela pendurou uma bola para que as crianças tentassem alcançar. Elas ajudaram alguns bebês que ainda não andam a fazer o percurso e Joaquim, que já sabe andar, conseguiu fazer sozinho, alcançando a bola que estava pendurada. Nem todos os bebês realizaram a atividade" (Diário de campo, 15/05/2024).

Observamos aqui uma relação proxêmica social (Hall, 2005), na qual há uma inter-relação entre observações: dos bebês que estão periféricos ao que ocorre no centro da sala e do uso que as professoras e os bebês fazem das práticas corporais. Também podemos relatar relações proxêmicas que se configuram como um aparelho sensorial, em que estados emocionais são diferentes e cada criança estabelece um relacionamento e apropriação do contexto e do ambiente (Hall, 2005). Desse modo, os adultos presentes precisam de se disponibilizar para que inicialmente os bebês se relacionem com os dispositivos culturais e passem a usá-los de forma intencional, mesmo na mais tenra idade. Na *Sequência de imagens 2*, ao final, constatamos a interação entre bebês, que sob a supervisão dos adultos (relação proxêmica pública) fazem a exploração livre do espaço e usufruem dos materiais disponibilizados na sala.

A próxima sequência de imagens retrata um pouco do dinamismo da sala e a complexidade/especificidade da Educação Infantil. A rotina dos bebês exige uma organização diferenciada das atividades, integrando o cuidar, o educar, as interações e as brincadeiras. Geralmente, há oferta de diferentes materiais, disponibilizados no tatame, para a recepção das crianças. Conforme os bebês são acolhidos, os objetos são explorados livremente por eles e os adultos interagem a partir da entrada reativa.

Na sequência de *imagens 3*, da esquerda para a direita, temos a professora-articuladora com um grupo de bebês contando uma história utilizando fantoche. Depois, a professora de Educação Física está tocando um pandeiro e cantando com as crianças, ação seguida de um momento de pintura com giz de cera. O episódio se encerra com a professora contando uma história utilizando um livro.

Sequência de imagens 3 – Atividades com diferentes linguagens



Fonte: Os autores.

Percebemos que o chão da sala é o espaço que os bebês exploram livremente, deslocando-se de diferentes formas e de acordo com o momento do desenvolvimento: alguns já conseguem andar, outros engatinham e alguns se arrastam até alcançar os seus objetivos ou os seus interesses. Os materiais podem (e devem) ser manipulados pelos bebês e precisam estar limpos, pois são levados à boca constantemente, além de serem compartilhados/disputados entre eles.

Observemos as anotações do diário de campo: “A professora de Educação Física pegou uma caixa cheia de fantoches. Ela começou a interagir com os bebês. Eles logo se interessaram e alguns, como Maria e Guilherme, pegaram os fantoches. A professora ia contando as histórias e eles ficavam observando o fantoche. Ela usou o macaco, o elefante, o leão e a cobra. A professora-articuladora, depois, também usou os fantoches, cantando algumas músicas. Depois, eu ajudei alguns bebês a colocarem o fantoche nas mãos, como o Joaquim, que adorou e começou a interagir com a professora-articuladora. Logo após, Guilherme também fez a mesma coisa. Depois que eu ajudei Joaquim, ele tentou colocar a mão dentro do fantoche sozinho” (Diário de campo, 03/07/24).

Podemos inferir que os bebês não estão passivos no processo de interação, mas são protagonistas e se apresentam para compartilhar os seus interesses e curiosidades. Eles são atraídos pelos sons, imagens, cores e movimentos realizados pelas professoras

e assistentes, participam da dinâmica cotidiana e ainda indicam os seus desejos corporalmente. Se algum bebê apresenta necessidade de sono, logo é encaminhado para um espaço separado dos demais, que continuam envolvidos na atividade. Se há necessidade de higiene ou de troca de fralda, são retirados momentaneamente para essa demanda corporal e retornam à rotina em seguida.

Nossas análises indicam também que o currículo da Educação Infantil exige uma dinâmica entre diferentes áreas de conhecimento. A professora de Educação Física e a professora-articuladora convergem as suas ações para os interesses das crianças e ampliam as experiências corporais dos bebês, mobilizando a literatura, a música, o teatro e as práticas corporais. Constatamos que a Educação Física está integrada à dinâmica curricular e dialoga com os campos de experiências e as diferentes linguagens presentes na Educação Infantil.

A *sequência de imagens 4*, da esquerda para a direita, apresenta três momentos da rotina do Grupo 1. No varandão, alguns bebês exploram o escorregador e outros disputam a atenção das professoras. Na sala, enquanto a professora alimenta um bebê, outros disputam o colo e a atenção dela. A última imagem retrata o movimento intencional dos bebês de sair da sala para acessar a porta que permite chegar ao varandão.

Sequência de imagens 4 – Crianças do Grupo 1 no varandão, colação e saída da sala de atividades



Fonte: Os autores.

Essa sequência de imagens contribui para olharmos para os bebês como atores sociais que são e também revela as relações proxêmicas existentes no cotidiano da Educação Infantil. A última imagem, com os bebês engatinhando para fora da sala de atividades, demonstra que lá fora há um mundo de possibilidades. Eles nos dizem

corporalmente que há uma preferência pelo ambiente externo (o varandão), que há uma memória afetiva e que transformaram aquele local em espaço, como sujeitos históricos que são.

Conforme relatado no diário de campo (09/07/2024): "Fomos para o varandão. Assim que a professora de Educação Física abriu o portão, muitos bebês foram engatinhando para lá, como Benício, Henrique, Enzo, Vitor, Gabriel e Iago. Lá, eles já começaram a interagir com os materiais, como pneus, móveis e bolas". Mais um desafio que se apresenta diante dessa cena: ouvir os bebês. Ao se deslocarem para o espaço externo, podemos entender que o local fechado já está pequeno para esses aventureiros, pois, como nos ensina Charlot (2023), o recém-nascido sapiens é um criador de mundo, precisa sair para explorar o seu entorno, inventar e exercer a sua criatividade.

Schmitt (2014) denomina de multiplicidade simultânea essa relação dos docentes com os bebês, em que eles vão estabelecendo relações individuais e operando, ao mesmo tempo, em diversas situações que ocorrem na cena pedagógica. Nesses momentos, principalmente durante as relações individuais, os bebês conseguem estabelecer relações com os outros bebês, com o espaço e com as materialidades, "mobiliários, brinquedos, utensílios, objetos e materiais pedagógicos variados" (Broering, 2014, p. 40). Dessa forma, a Educação Infantil, sobretudo a faixa etária de zero a três anos de idade, possibilita uma intensa relação entre docentes-bebês, bebês-docentes e bebês-bebês (Buss-Simão; Silva, 2023).

No cotidiano da Educação Infantil, as professoras se colocam à disposição para atender às necessidades e aos desejos dos bebês e, durante as relações individuais, tentam compreender as singularidades desses sujeitos (Buss-Simão; Silva, 2023). As demandas corporais (Sabbag, 2017) impostas aos docentes que lidam com os bebês na Educação Infantil exigem posturas singulares, como trabalhar sentado no chão, com criança no colo (às vezes, com mais de uma), em posições curvadas para atender aos pedidos dos pequenos, entre outras situações que, a longo prazo, afetam a saúde dos trabalhadores.

As relações proxémicas no contexto da Educação Infantil acontecem de diferentes formas, em diversos cenários e entre diferentes sujeitos. Elas são perceptíveis principalmente na faixa etária de zero a três anos de idade, pelas expressões e gestos (linguagem não verbal) que as crianças demonstram durante as mediações propostas. As relações estabelecidas, sendo elas bastante próximas ou não, afirmam as

necessidades e/ou desejos das crianças. A forma como se relacionam com o espaço e com os outros sujeitos demonstra essas demandas no cotidiano.

Ainda sobre a prática pedagógica com bebês na Educação Infantil, um desafio que se apresenta é como esses sujeitos podem ser protagonistas. A partir disso, pensamos que as suas práticas, as relações proxêmicas que estabelecem e as outras formas de linguagem, para além da verbal, são alguns caminhos para compreender essa questão. Nessa etapa, o bebê manifesta o seu protagonismo por meio do seu corpo, pela maneira que age e como se relaciona.

Nesse sentido, as relações proxêmicas podem contribuir para a compreensão do protagonismo desses sujeitos a partir deles mesmos. Para isso, precisamos acessá-los mediante as práticas corporais e observar, por meio delas, como são desenvolvidas tais relações de proximidade e de distanciamento. Para Viana (2014), a comunicação não verbal se expressa através dos gestos, das posturas, das expressões faciais, da voz e do silêncio, do vestuário, dos objetos que nos cercam e da relação que estabelecemos no cotidiano.

Sendo assim, mesmo que as crianças dessa faixa etária não tenham desenvolvido a linguagem verbal, elas se expressam de outras maneiras, a fim de garantir que as suas pretensões sejam atendidas. Essas múltiplas linguagens, nesses contextos, ajudam as docentes a compreender como as relações estão ocorrendo no espaço e como essas relações interferem nas práticas pedagógicas das professoras.

Portanto, cabe à Educação Física, em interação com as diferentes linguagens, campos de experiências e profissionais que atuam na Educação Infantil, promover vivências com as manifestações das práticas corporais que potencializem as possibilidades de os bebês agirem sobre si e sobre o seu contexto físico e social, valorizando-os como produtores e não como meros receptores de cultura (Corsaro, 2011; Sarmento, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a prática pedagógica com os bebês no contexto em que será realizada, pois, por meio da identificação dos desafios e das possibilidades encontradas no cotidiano, oferecemos subsídios para a reorientação pedagógica das ações docentes destinadas a esse público-alvo. Entre os desafios, destacamos as dificuldades relacionadas às demandas corporais e aos tempos pedagógicos, pois, apesar de ser um grupo composto por 21 bebês, as mediações

acontecem, em sua maioria, individualmente ou para pequenos grupos, o que demanda uma distribuição do tempo e de atenção e consequentemente a espera por parte dos bebês.

Além disso, a falta de planejamento coletivo envolvendo todos os docentes do Grupo 1 pode indicar uma fragmentação do currículo e uma visão disciplinar das ações realizadas no cotidiano. Defendemos que a Educação Física é um componente curricular que possui particularidades e que atua a partir das práticas corporais, do se movimentar intencionalmente das crianças, na ação dos bebês mediante o acesso aos bens culturais.

Acreditamos que os bebês, desde a mais tenra idade, são sujeitos de direitos e atores sociais competentes em seus modos de vida. Mesmo dependentes dos adultos, eles podem expressar os seus desejos e necessidades mediante diferentes linguagens, especialmente a corporal. Os episódios apresentados nos dão pistas sobre a importância de percebermos os bebês a partir de outro olhar, no reconhecimento desses atores sociais de pouca idade. Eles conseguem expressar as suas vontades através de diferentes linguagens, seja pelo choro ou pela aproximação afetiva para receber um colo, pela interação entre pares, na disputa pelo espaço ou pelos objetos/artefatos culturais disponibilizados na rotina educativa.

Para compreender os bebês como praticantes do cotidiano, reconhecendo-os como atores sociais, é preciso renovar o olhar, pois entendemos que o excesso de visibilidade tornou o que é visível em invisível (Pires, 2012), ou seja, naturalizamos a nossa relação com os bebês e acabamos assumindo uma postura diretiva, às vezes não permitimos que eles atuem sobre a cultura. Os bebês nos convidam a tornar o ordinário em extraordinário, algo que parece simples aos nossos olhos adultos pode se constituir em uma experiência singular para eles. Para tanto, as relações proxémicas íntima, pessoal, social e pública se fazem presentes no cotidiano da Educação Infantil e, conforme os bebês produzem sentidos e significados do que lhes são oferecidos, as distâncias se ampliam, permitindo um agir autoral desses sujeitos, mesmo sob a supervisão atenta dos adultos.

Constatamos que o cotidiano da Educação Infantil, sobretudo no trabalho com os bebês, convida para uma prática pedagógica articulada e integrada aos eixos do cuidar, do educar, do interagir e do brincar. O protagonismo infantil não exclui a responsabilidade dos adultos de proteção e de provisão, mas não pode ser impedimento para a construção e a execução de práticas cotidianas que valorizem o agir dos bebês, que reconheçam as suas capacidades e que incentivem a curiosidade que eles possuem sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; RICHTER, Sandra Regina Simonis; DELGADO, Ana Cristina Coll. Educação infantil: tempo integral ou educação integral? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 4, p. 95-119, out./dez. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 3 de out. 2024.

BROERING, Adriana de Souza. **Arquitetura, espaços, tempos e materiais**: a educação infantil na rede municipal de ensino de Florianópolis (1976-2012). 2014. 439 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BUSS-SIMÃO, Márcia; SILVA, Isabel Rodrigues da. Disponibilidade corporal como conduta pedagógica na docência com bebês. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, e121685, 2023.

CHARLOT, Bernard. Criança: um pequeno sapiens que herdou um mundo humano. In: CHARLOT, Bernard; VASCONCELLOS, Celso dos Santos; MOLL, Jaqueline; GOMES, Marineide de Oliveira (org.). **A pedagogia e a infância que queremos**. São Paulo: UniProsa, 2023. p. 15-19.

CERTEAU, Michel de. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano. **Anais [...]**. São Paulo: FAV/USP. 1985. p. 3-19.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CÔCO, Valdete; MELLO, André da Silva. Trabalho docente na educação infantil: configuração dos quadros profissionais. In: COUTINHO, Angela Scalabrin.; MORO, Catarina; DANIEL, Fernanda Gonçalves; GHIGGI, Gioconda; PAULA, Rubian Mara. (org.). **Acesso e oferta na Educação Infantil**: qualidade e desigualdade em debate. Curitiba: UFPR/NIEPE, 2023. p. 93-114.

CORSARO, William Arnold. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In MULLER, Fernanda. CARVALHO, Ana Maria Almeida (org.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 141-157.

FOCHI, Paulo Sérgio. À margem. In: SILVA, José Ricardo; SOUZA, Regina Aparecida Marques de; MELLO, Suely Amaral; LIMA, Vanilda Gonçalves de Lima (org.). **Educação de bebês**: cuidar e educar para o desenvolvimento humano. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 7-12.

GONÇALVES, Fernanda.; BUSS-SIMÃO, Márcia; DEBUS, Eliane Santana Dias. Das pedrinhas do nosso quintal: ética e sensibilidade metodológica na pesquisa com bebês. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 28, p. 201-217, 2020.

HALL, Edward. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LOISOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 137-155.

MARCHI, Rita. As teorias da Socialização e o Novo Paradigma Para os Estudos Sociais da Infância. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 227-246, jan./abr. 2009.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. **O lugar da Educação Física na Educação Infantil**. 2018. 211 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; TRINDADE, Luísa Helmer; MELLO, André da Silva. Diálogos entre as produções acadêmico-científicas da Educação Física e os documentos orientadores da Educação Infantil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 1, p. 67-79, 2021.

MELLO, André da Silva; BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio. Crianças como praticantes do cotidiano: uma perspectiva metodológica para produção de conhecimentos com as infâncias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 23, n. 77, p. 861-873, abr./jun. 2023.

MELLO, André da Silva.; MARCHIORI, Alexandre Freitas; BOLZAN, Érica; KLIPPEL, Marcos Vinicius; ROCHA, Maria Celeste; MAZZEI, Victor Reis. Por uma perspectiva pedagógica para a educação física com a educação infantil. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 10, p. 326-342, 2020.

PEDROSA, Maria Isabel; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 431-442, 2005.

PIMENTEL, Giuliano Gomes Assis; MELLO, André da Silva. Proxémica das experiências infantis do brincar arriscado em equipamento específico de lazer. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 29, p. 1-24, 2023.

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean.; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 43-94.

SABBAG, Samantha. **“Porque a gente tem um corpo né... mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”**: A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil. 2017. 248 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. A sociologia da infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: ENS, Romilda Teodora; GARANHANI, Marynelma Camargo (org.). **Sociologia da Infância e a formação de professores**. Curitiba: Champagnat, 2013. p. 13-46.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As Relações Sociais entre Professoras, Bebês e Crianças Pequenas**: contornos da ação docente. 2014. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SCOTTÁ, Bianca Andreatta. **Práticas pedagógicas de professores(as) de Educação Física com a Educação Infantil no interior do estado do Espírito Santo**. 2023. 176 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

SILVA, Ana Márcia; LAZZAROTTI FILHO, Ari; ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas Corporais. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico da educação física** 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. p. 522-528.

VIANA, Isabel. Comunicação não verbal e expressões faciais das emoções básicas. **Revista de Letras**, Vila Real-Portugal, serie II, n. 13, p. 165-181, 2014.

VITÓRIA. **Diretrizes Curriculares da Educação Infantil de Vitória/ES**. Vitória: Secretaria da Educação de Vitória, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Hj9jR6FkcuvcPvKeHc-sgTmC-7LsVCYZ/view>. Acesso em: 3 out. 2024.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

The presence of Physical Education in pedagogical practice with babies in early childhood education

Laura Helmer Trindade
Graduada em Educação Física
Mestranda em Educação Física
Universidade Federal do Espírito Santo
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Vitória, Brasil
laura.trindade@edu.ufes.br
 <https://orcid.org/0000-0003-0802-9353>

Alexandre Freitas Marchiori
Doutorado em Educação Física
Departamento de Educação a Distância
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima
Boa Vista, Brasil
alexandremarchiori@hotmail.com

André da Silva Mello

Doutorado em Educação Física

Centro de Educação Física e Desportos

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória, Brasil

andremellovix@gmail.com

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Avenida Fernando Ferrari, 514, CEFD/Naif, 29075-910, Vitória, ES, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às professoras, Assistentes de Educação Infantil e crianças participantes desse trabalho, assim como à Prefeitura Municipal de Vitória por acolher esta pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. H. Trindade, A. F. Marchiori, A. S. Mello

Coleta de dados: L. H. Trindade

Análise de dados: L. H. Trindade, A. F. Marchiori, A. S. Mello

Discussão dos resultados: L. H. Trindade, A. F. Marchiori, A. S. Mello

Revisão e aprovação: A. S. Mello

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

A pesquisa recebeu apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, da Universidade Federal do Espírito Santo, Parecer nº 6.768.890, de 16/04/2024.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 13-03-2025 – Aprovado em: 17-10-2025